

I. Introdução

O principal objectivo deste trabalho no concelho de Mira foi localizar com necessário rigor, caracterizar do ponto de vista cronológico e tipológico e avaliar em termos patrimoniais e científicos, os principais sítios de interesse arqueológico no concelho. A partir daqui delineou-se um plano de trabalho que se concretizou segundo uma metodologia específica e rigorosa.

Os sítios foram registados consoante a sua designação, localização geográfica (através de SIG's na Carta Militar referente ao concelho de Mira), localização topográfica, ambiental e geológica (através de SIG's na Carta Geológica do concelho de Mira), estudo do espólio e sua integração cultural e, por fim, a bibliografia do sítio, caso existisse.

Inventariou-se e classificaram-se os materiais arqueológicos recolhidos em prospecção tendo também em vista a sua exposição no futuro Museu Municipal.

II. Localização geográfica

Mira pertence à região centro, concretamente ao distrito de Coimbra. Está integrado no agrupamento de concelhos da Sub-região do Baixo Mondego, tal como Cantanhede, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Penacova e Soure (*in* www.cm-mira.pt).

Mira faz parte da região natural da Gândara, que é a sub-região do Centro Litoral de Portugal que vai da Serra da Boa Viagem até às imediações de Vagos, estando o concelho de Mira aí integrado. Os concelhos de Cantanhede, Vagos, Figueira e Montemor também têm parte do seu concelho integrado nesta região (Reigota, 2000). A designação de Gândara é aplicada, tradicionalmente, a uma região plana, cujos terrenos são arenosos e com pouca produtividade agrícola. Com efeito, o relevo desta região é homogéneo e sem declives pronunciados. As cotas mais altas não passam dos 60 ou 70 metros, sendo que a maior parte do concelho se encontra situada abaixo dos 30 metros (Lopes, 2007: 10).

O concelho de Mira está limitado pelo concelho de Vagos a Norte, a Sul e a Nascente pelo concelho de Cantanhede e a Poente pelo Oceano Atlântico. Ocupa uma área de 124,1 Km² e é constituído por 4 freguesias: Mira, Praia de Mira, Carapelhos e Seixo (*in* www.cm-mira.pt). A população actual do concelho de Mira é composta por 12872 habitantes, os quais estão fundamentalmente fixados na faixa Norte-Nascente, gerando aí uma densa ocupação por contraposição com a faixa litoral (*Idem*). Encontra-se a cerca de 40 km de Coimbra, 16 km de Cantanhede, 15 km de Vagos, 29 km de Aveiro e 30 km da Figueira da Foz (*Idem*).

III. Evolução Paleogeográfica do Quaternário da região de Mira

O quaternário, época geológica na qual se deu o aparecimento do homem e na qual continuamos, foi dividido em duas diferentes épocas: Holocénico e Plistocénico.

Em Mira, durante o Holocénico, assistiu-se à formação do cordão dunar do litoral e também ao desenvolvimento das lagoas e rede de drenagem, processo este que continuou até aos nossos dias (Lopes *et al.*, 2007: 51 e 52).

O movimento cíclico da linha costeira traz importantes informações para a reconstrução paleoecológica, já que essa alteração ao nível das águas modifica radicalmente a paisagem, ainda que esta seja normalmente lenta. Sabendo que a zona de transição entre a terra e o mar é muito rica e produtiva do ponto de vista da economia humana, é uma zona que tem um impacto antrópico fortíssimo (Bicho, 2006).

Ao recuarmos até ao Plistocénico, tendo em conta as várias fases glaciares e interglaciares que tiveram lugar nos últimos dois milhões de anos, talvez se consiga indagar as transformações que afectaram a região de Mira (*idem*). Durante a última glaciação de Würm (fase final, há cerca de 18000 anos), os dados apontam para uma regressão do Atlântico Norte, que causou um rebaixamento do nível do mar, superior a 110 metros. Em Mira, a linha de costa localizava-se a sensivelmente 60 Km a ocidente da sua disposição actual. O campo dunar seria bem mais extenso que o actual (*idem*).

Pela imagem abaixo exposta é possível ver a proposta de Dias *et al.* (2000) para a evolução da linha da costa desde 18.000 até ao presente (*vide* Figura 1).

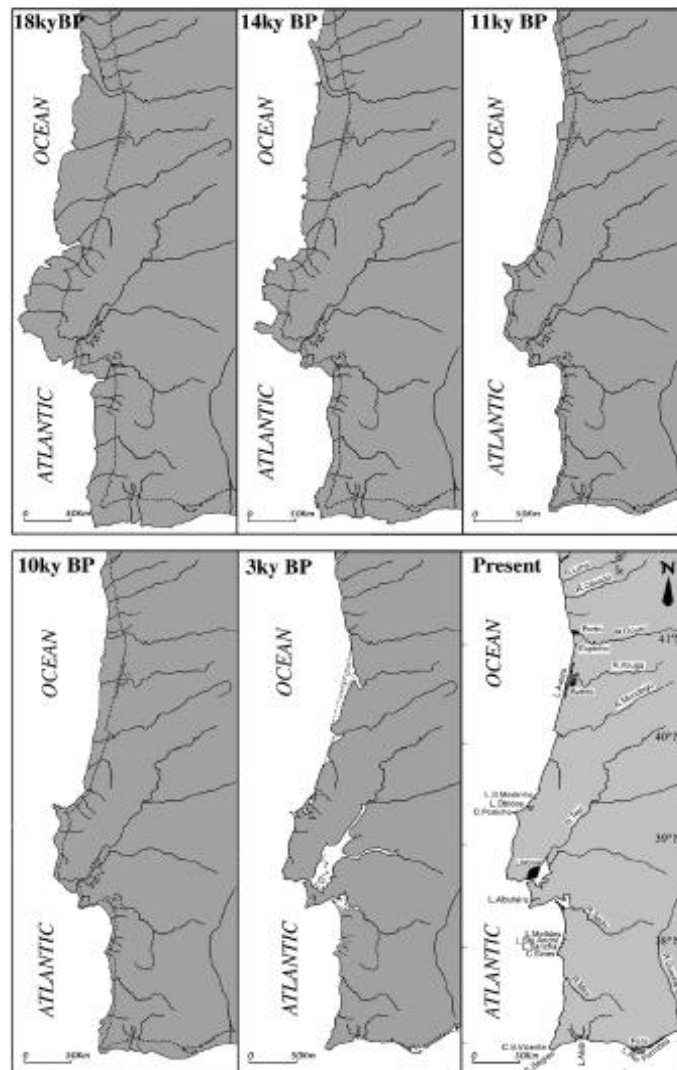


Figura 1: A figura mostra a evolução da linha da Costa portuguesa de 18000 a.C. até ao Presente.
(Imagem retirada de Dias *et al.*, 2000: 179)

As zonas costeiras, do ponto de vista geomorfológico, são uma das paisagens mais dinâmicas que existem, devendo-se a um conjunto de processos que funcionam em simultâneo (o eustatismo, isostatismo e sedimentação e erosão) (Bicho, 2006). O impacto na costa pode acontecer em escalas cronológicas longas de milhares de anos ou curtas provocadas por uma estação do ano ou por eventos catastróficos (*Idem*).

IV. Geologia, hidrogeologia e hidrografia

As formações geológicas do concelho de Mira são de natureza sedimentar, datando as mais antigas do Cretácico Superior – Campaniano. São também predominantes depósitos arenosos de idade quaternária, ligados a desenvolvimentos de praias antigas e de terraços fluviais, tal como à evolução do sistema dunar dos últimos séculos (Lopes *et al.*, 2007).

Quanto à sua hidrogeologia, o concelho de Mira integra-se no sistema aquífero quaternário do Vouga e em particular no subsistema aquífero dunar. A espessura deste aquífero livre é normalmente reduzida, podendo, excepcionalmente, atingir os 15 metros (Lopes *et al.*, 2007).

Hidrograficamente, o concelho de Mira apresenta três ribeiras principais: a ribeira da Corujeira, a ribeira da Vala Velha e a ribeira do Palhal. São ribeiras que actualmente apresentam um caudal de média dimensão.

Há que destacar, também, a grande importância da Lagoa, não só em termos hídricos, mas também em termos históricos. Um documento do século XII indica que Mira seria um porto de mar, mas o assoreamento progressivo dos rios Vouga e Mondego provocou alterações profundas em Mira, tendo-se formado a Lagoa de Mira (Marques, 1993: 17). A Lagoa de Mira esteve durante muitos séculos em comunicação directa com o mar (*vide* Figuras 2, 3, 4 e 5), mas num documento de 1758, redigido pelo vigário de Mira, Thome Nunes Pereyra de Rezende, em resposta a um inquérito promovido pela secretaria de Estado dos Negócios do Reino, pode ler-se o seguinte: «Terá a dita lagoa quazi hum quarto de legoa de largo e quazi meya legoa de comprido, inda que o mar so dizta della meya legoa, contudo não entra nella e hé toda de agoa doce»¹.

Ao que parece a lagoa esteve em conexão com o mar por mais tempo do que este documento indica. Um mapa da costa Portuguesa, datado de 1835, e que encontrámos na base digital cartográfica da Biblioteca Nacional, mostra que ainda se manteve a ligação ténue com o mar por mais anos (*vide* Figura 6).

¹ (TT. – Dicionário Geográfico, vol. 23, pp. 973-991 in Marques, M.A., 1993).

Alguns dos seguintes fragmentos de mapas retirados da colecção digital da Biblioteca Nacional mostram claramente essa ligação com o mar desde o século XVI até ao século XIX:



Figura 2: Mapa retirado do Atlas de Portugal de 1560-17...(in www.bn.pt)



Figura 3: Mapa de 1681 .
(imagem retirada de www.bn.pt)

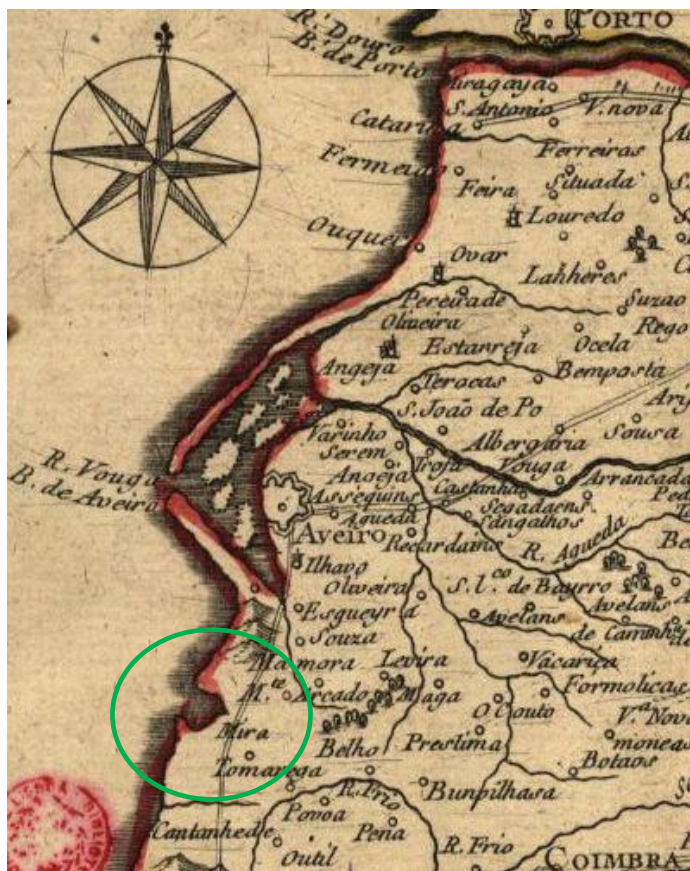


Figura 4: Mapa de 1700 .
(imagem retirada de www.bn.pt)

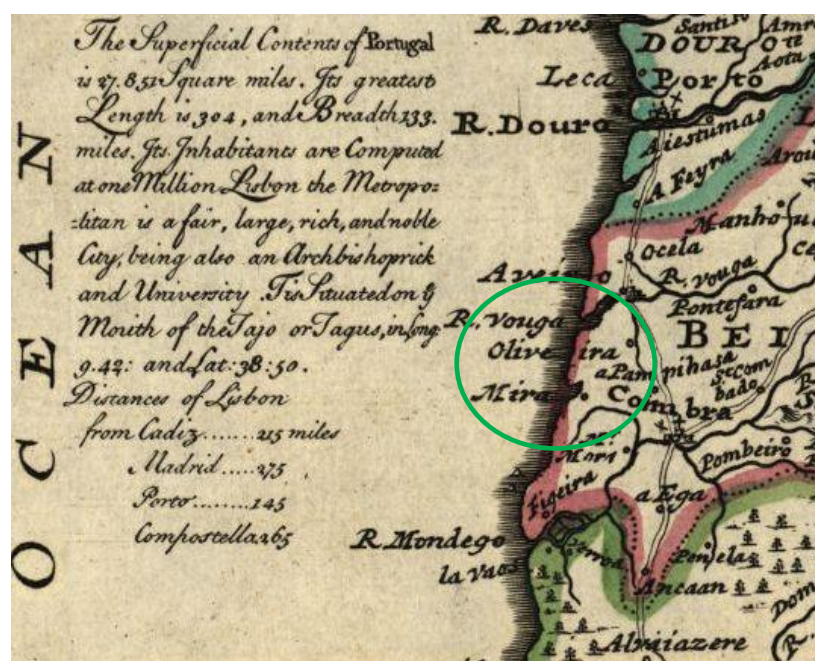


Figura 5: Fragmento de Mapa de 1729 (in www.bn.pt)

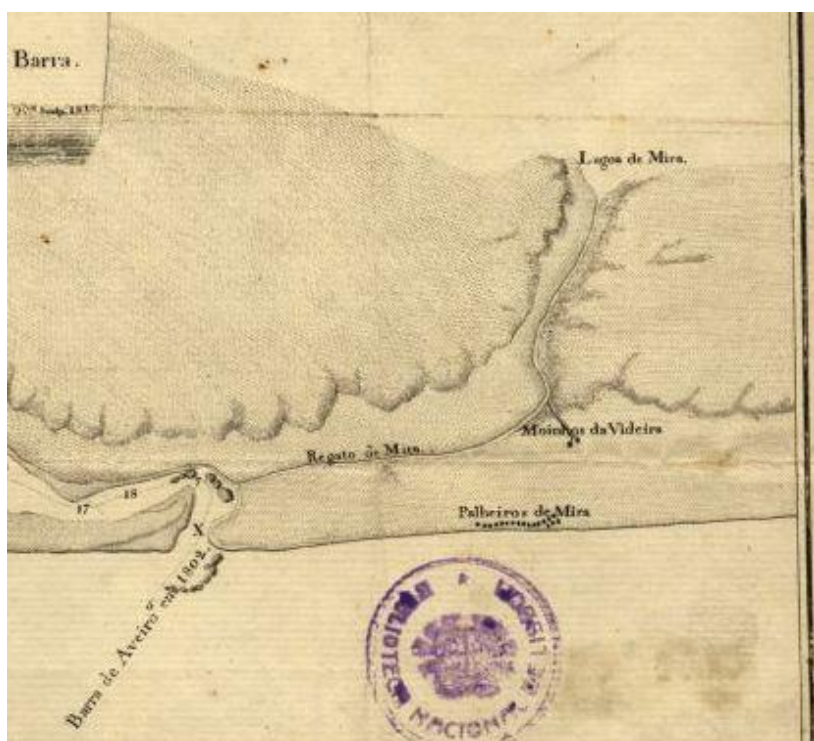


Figura 6: Mapa de 1835 da Costa Portuguesa onde ainda é possível ver o braço de mar a entrar na lagoa onde Mira (imagem retirada de www.bn.pt).

v. Contextualização Histórico-Arqueológica

Observando os sítios arqueológicos integrados na base de dados do IGESPAR *Endovelicus*, verifica-se que apenas aparecem registados cinco sítios neste concelho. São eles: Mira-Lagoa (Romano; achado isolado; vestígios de alicerces de casas),

Mortais – Cabeço (casal rústico romano), Fonte de São Bento – Corticeiro de Baixo – Carapelhos (casal rústico romano), Bordadas (casal rústico romano) e Praia do Poço da Cruz (achado isolado – contemporâneo – séc. XIX-XX). Segundo a base nacional georeferenciada de sítios arqueológicos, a história da ocupação humana no actual concelho de Mira recua ou começa na época romana. Mas será mesmo assim? Graças à persistência do Dr. João Reigota (Arqueólogo e actual presidente da Câmara Municipal de Mira), muitos mais sítios têm sido identificados e de épocas bem mais recuadas. No seu livro *A Gândara Antiga* (Reigota, 2000) identifica um total de 19 sítios inéditos em Mira (dos quais três deles já fazem parte dos cinco integrados na base de dados do *Endovelicus*). Alguns destes sítios remetem-nos para uma nova história de Mira, uma Mira com origem na pré-história antiga. Os sítios identificados e publicados em 2000 são os que se seguem:

1. Sítio dos Murtórios – Mira: localiza-se na margem direita da Vala da Corga e foram recuperados uma ponta de seta e uma raspadeira. Cronologia: Pré-história.
2. Corticeiro – Mira: localiza-se na margem direita da Vala Velha, junto à fonte de S. Bento. Cerâmica comum, *tegulae*, uma moeda romana. Cronologia: Época Romana.
3. Serra da Corujeira – Mira: localiza-se na margem direita da Ribeira da Varziela. Escórias e cerâmicas negras. Cronologia: Indeterminada.
4. Barrolinho – Ermida – Mira: localiza-se na margem direita da Ribeira da Fervença, a cerca de 3km a sudeste de Mira. Escórias de ferro e um peso de tear. Cronologia: Época Romana. (confirmado posteriormente por Adriaan de Man *et al.*)
5. Chão da Manca – Serra da Corujeira – Mira: localiza-se na margem direita da Ribeira da Varziela. Escórias e cerâmicas negras. Cronologia: Indeterminada.
6. Bordadas – Ermida – Mira: localiza-se na margem direita da Ribeira da Varziela. Escórias, *tegulae*, cerâmicas diversas. Cronologia: Época Romana.
7. Bordadas – Ermida – Mira: localiza-se a Leste da Ermida. Escórias, cerâmicas antigas. Cronologia: Indeterminado.

8. Casal de S. Tomé – Mira: localiza-se junto a um poço, entre valas, próximo aos Moinhos do Arraial. Notícias de uma antiga Igreja de S. Tomé de Mira, bem documentada desde o século XII. Foram encontradas ossadas humanas, pedras de calcário, cerâmicas medievais, escórias e notícias de moedas com inscrição árabe².
9. Outeiro da Forca – Mira: encosta virada a Sudoeste. Inúmeros fragmentos cerâmicos e telhas grosseiras. Cronologia: Medieval.
10. Sítio da Capela – Cential – Mira: localiza-se no lado Norte do Outeiro da Forca, no seio de vinhas. Escórias e cerâmicas arcaicas. Cronologia: Medieval.
11. Montalvo – Mira – Ermida: localiza-se a Sudeste da vila de Mira, em barros campanianos. Fragmentos de escória. Cronologia: Indeterminado³.
12. Sítio dos Mortais – Cabeço – Portomar – Mira: localiza-se na margem direita da Vala Velha, no Cabeço, a cerca de 300 m a EN 109, em barros campanianos (eucaliptal). *Tegulae*, imbrices, escória, cerâmicas domésticas negras e vermelhas. Cronologia: Época Romana.
13. Azinhaga do Moinho – Vala Velha – Cabeço – Mira: localiza-se nas margens esquerda e direita da Vala Velha um pouco a Oeste do Cabeço e a cerca de 600 m dos materiais romanos. Escórias e cerâmicas.
14. Cabeço – Mira: localiza-se a cerca de 200 m a Oeste do Cabeço, na margem direita da Vala Velha. Materiais líticos trabalhados (seixos). Cronologia: Pré-história⁴.
15. Fonte da Maceira – Vala Velha – Portomar – Mira: localiza-se na margem da Vala Velha, nos Quintais, a cerca de 700 m a Oeste dos materiais romanos. Escórias e cerâmicas antigas. Cronologia: Indeterminado.
16. Aleixas – Mira: localiza-se nas margens de um antigo riacho. Cerâmicas arcaicas. Cronologia: Indeterminado.

² *In A Razão*, Jornal de Mira, 1933 – referenciado por Reigota (2000). Sítio confirmado por Adriaan de Man *et al.*

³ Sítio confirmado por Adriaan de Man *et al.*

⁴ Sítio confirmado por Adriaan de Man *et al.* mas encontraram apenas vestígios romanos.

17. Cabeço Rei – Mira: localiza-se na margem direita da Ribeira da Fervença, numa encosta alcantilada. Grandes quantidades de escória e seixos talhados. A 300 m a nascente deste local cerâmicas negras finas. A 400 m a Oeste do Cabeço Rei, encontram-se escórias, cerâmicas domésticas e *tegulae*.
18. Agradas – Mira: localiza-se em terrenos de cultivo. Cerâmicas negras finas e vermelhas que sugerem a Alta Idade Média, de tradição árabe e moçárabe.
19. Oleiras – Mira: localiza-se em terrenos do campaniano superior (argiloso), misturados com areia, areias e depósitos do Plistocénico. Cerâmicas domésticas negras e avermelhadas finas, semelhantes a muitas outras de determinados pontos deste litoral, desde o Vouga à ribeira da Varziela.
Cronologia: Medieval.

A primeira referência histórica a Mira data do ano 1095 (Marques, 1993: 20). Neste documento consta uma doação *jure hereditario* que o conde D. Raimundo e sua esposa, D. Urraca, fazem *da herdade de Montemor com todas as suas pertenças aos seus presores. A Saleima Godinho dão-lhe ainda a villa de Mira e um moinho na fonte de Caraboi que ele até aí possuía em préstamo ou atondo* (Marques, 1993: 123). Este documento permite, recuar a formação da vila de Mira até pelo menos essa data. Não será possível indicar um marco preciso para o nascimento de Mira como povoação, mas a sua existência histórica está provada desde a época de recuperação e valorização das terras de Coimbra, após a conquista definitiva desta pelo exército de Fernando Magno (1064) (Marques, 1993: 21).

Voltamos a ter notícias de Mira na doação de Saleima Godinho de metade das suas herdades de Montemor e da Igreja de São Tomé, na vila de Mira, feita em Janeiro de 1132 ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Sendo assim, esta doação prova o crescimento da localidade, já com Igreja (*idem*: 25). Noutros documentos de Santa Cruz de Coimbra, obtiveram-se também importantes dados sobre a população e suas ocupações: agricultura, caça e pesca (*idem*: 28). Os documentos do século XIII e XIV continuam a mostrar o desenvolvimento económico da região, incitando o cultivo da vinha.

A peste assolou Mira no século XIV, perdendo-se o rasto nos documentos de alguns pequenos núcleos populacionais, que jamais voltaram a ser referenciados. Há também uma nítida diminuição da população em alguns dos lugares do interior de Mira (Marques, 1993).

Entre os séculos XV-XIX há vários acontecimentos que se destacam em Mira. Um primeiro refere-se à mudança de localização da Igreja de S. Tomé de um sítio alagadiço (Casal de S. Tomé) para o lugar onde ocupa hoje, no centro da vila (Marques, 1993), uma vez que o anterior começava a impedir, principalmente de Inverno, a população de entrar na Igreja.

Novos lugares começam a aparecer em documentos do século XVII, uns próximos do centro e outros longe. Em 1758, numa resposta enviada pelo pároco da Mira acerca do inquérito promovido pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, lê-se que Mira era constituída por uma só freguesia, cujo termo compreendia vinte e um lugares (Marques, 1993).

Nos finais do séc. XVIII há referência da existência de um pequeno núcleo populacional na Praia. No séc. XIX aparecem novos lugares (Barra e Videira) possivelmente, devido aos fluxos migratórios da população da costa marítima portuguesa (Brito, 1960 *in* Marques, 1993: 36) (*vide* Tabela 1).

Tabela 1: População de Mira dos séculos XI a XIX.
(*In* Marques, 1993)

<i>Data</i>	<i>Lugares</i>	<i>N. Fogos</i>	<i>Total</i>	<i>Fonte</i>
1095	Mira			<i>Apênd. doc. 1</i>
1183	Mira Sta. Maria de Mira (Ermida)			<i>Apênd. doc. 3</i>
1311	Mira Ermida Corujeira	2		T.T. — Sta. Cruz de Coim- bra, m. 238, n. 38
1342	Mira e Póvoa de Mira Monte de <i>Craros</i> <i>Petomar</i> Monte de Cervas Rosmaninhal Ermida Corujeira	1 1 1 2		<i>Apênd., doc. 9</i>
1527	Mira Corujeira Ermida <i>Petomar</i>	43 2 2 1	48	<i>Numeramento Geral do Reino</i> ^a
1758	Portomar Cabego de Portomar Seixo de Baixo Seixo de Cima Ponte do Sobrado Atalho Preza de Cima Preza de Baixo Arneiro Corticeiro Leitões Ramalheiro Lentisqueira Colmeal Cavadas Corujeira Ermida Carromeu de Cima Carromeu de Baixo Arceiro e Moinhos de S. Tomé Mira	62 62 29 12 4 8 46 11 12 6 9 24 5 7 14 33 46 21 11 6 251	679	<i>Apênd., doc. 21</i>
1798			1057	<i>Censo de Pina Munique</i> ^b
1860			1714	<i>Mappas do movimento da população</i> ^c
1870			1893	<i>Id., ibid.</i>
1890			1923	<i>Censo de 1890</i> ^d

VI. Trabalho de Campo

- **Metodologia**

Numa primeira fase dos trabalhos procurou-se verificar se existiam já referenciados lugares de interesse histórico ou arqueológico do concelho. Para o efeito, foi levada a cabo uma adequada pesquisa bibliográfica e documental (incluindo a consulta da base de dados do IPA – Endovélico). Foram também consultadas as cartas topográficas e geológicas existentes para a zona e analisada a toponímia. Dos sítios identificados por João Reigota no seu livro, apenas alguns foram reconfirmados, pois sem uma coordenada geográfica ou uma localização aproximada numa carta militar é difícil saber onde estes concretamente se situam.

Os trabalhos de campo foram executados mediante uma prospecção intensiva sempre que possível. As áreas prospectadas foram essencialmente aquelas que se encontravam vazias de vegetação. Muitas outras não foram prospectadas, uma vez que a vegetação – ou outros factores – impediram ou dificultaram significativamente a visualização do solo. Sempre que se encontravam vestígios arqueológicos à superfície estes foram devidamente descritos e localizados cartograficamente com recurso a GPS. Mas também assinalámos nas nossas cartas de campo todas aquelas áreas batidas em prospecção onde não foi possível encontrar nenhum vestígio.

Teve-se também o cuidado de obter algumas informações orais junto dos habitantes locais.

- **Sítios identificados e estudo do espólio associado**

I. Bordadas I

- a) Designação do sítio

Bordadas I - Casal/Quinta romana

b) Localização geográfica

O sítio romano das bordadas localiza-se no lugar das Bordadas, assim como é conhecido entre a população da zona. Este lugar situa-se, por sua vez, na Serra da Corujeira, freguesia de Ermida, concelho de Mira (*vide* Figura 7).

Coordenadas geográficas (GPS): N 40°23'181"/W 008°44'350" (*vide* localização nos mapas de SIG dos sítios arqueológicos identificados)

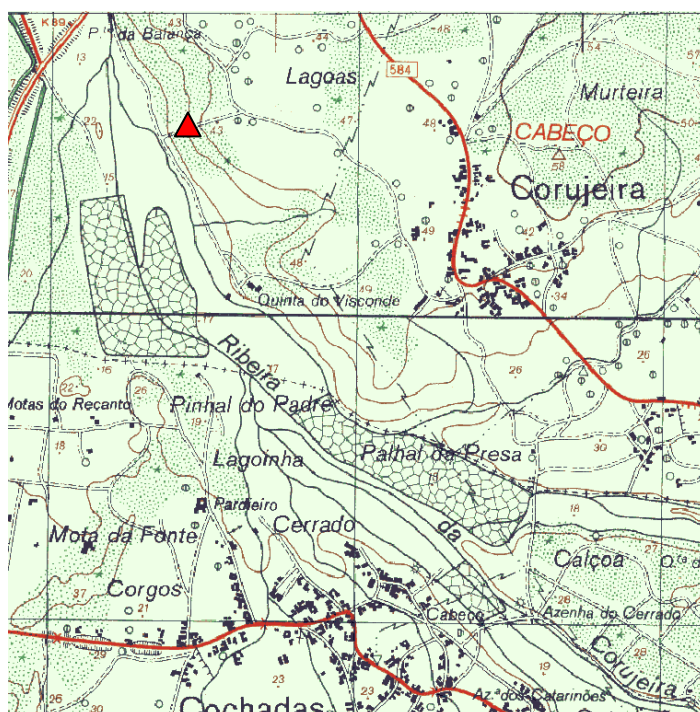


Figura 7: Localização geográfica do sítio romano de Bordadas (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

O sítio encontra-se num cabeço sobranceiro à ribeira da Corujeira, que ladeia a Serra da Corujeira de SW a O (*vide* Figura 8). Os terraços desta ribeira estão bastante alterados pela plantação de eucaliptos e pinheiro, mas curioso é que no sítio onde possivelmente se encontrará o casal/ou quinta romana, o tipo de vegetação é outro, sendo composta por carvalhos, espinheiras e fetos. O tipo de solo encontrado caracteriza-se por areias brancas e finas de tipo dunar e cascalheira de seixo médio e grande, visíveis em terrenos limpos nos terraços

fluviais (*vide* sítio localizado por SIG na Carta Geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 1).

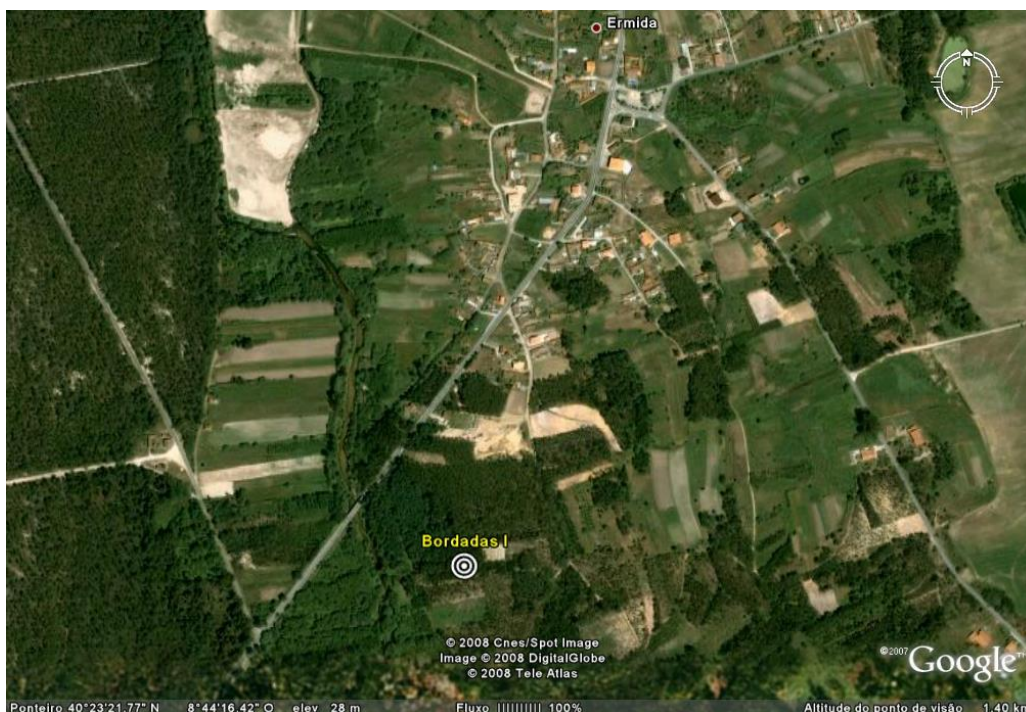


Figura 8: Localização no Google Earth do sítio romano de Bordadas I.

d) Descrição dos vestígios e integração cultural

Os materiais encontram-se sensivelmente a meio de um caminho florestal de acesso à Ribeira da Corujeira. Foi detectada alguma cerâmica comum, um fragmento de *tegula*, alguma escória de ferro. Trata-se de um sítio de cronologia romana que, pela dispersão e tipo de materiais, parece de pequena dimensão, tratando-se possivelmente de um casal ou uma quinta.

Neste mesmo sítio foi encontrada uma inscrição feita numa placa de pedra calcária que se encontrava semi-enterrada no caminho. Nesta inscrição pode ler-se: **M. A. / 1711 / XVI**. Segundo informação oral do Doutor José de Encarnação, esta inscrição parece tratar-se de um marco de propriedade de cronologia Moderna. É uma epígrafe inédita e encontra-se guardada na Câmara Municipal de Mira (*vide* Figura 9).



Figura 9: Inscrição encontrada no sítio de Bordadas I.

e) Bibliografia

Reigota, J. 2000. *A Gândara Antiga*. Centro de Estudos do Mar. Colecção Memórias CEMAR, nº 6: 151.

II. Bordadas II

a) Designação do sítio

Bordadas II

Achado isolado – seixo afeiçãoado distalmente (machado?)

b) Localização Geográfica

Localiza-se na extremidade norte da Serra da Corujeira, junto à E.N. 109, na freguesia de Ermida, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°23'238'' / W 008°44'401 (*vide* localização nos mapas de SIG dos sítios arqueológicos identificados).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Este achado foi encontrado isolado no caminho que percorre paralelamente a ribeira da Corujeira. A zona envolvente é de bosque, com um manto de musgo e folhas que tornou impossível a confirmação da existência de mais vestígios. No caminho não foram detectados mais materiais.

Onde foi possível a visualização do terreno, verificou-se a existência de um solo arenoso com alguns seixos intercalados (*vide* localização do achado isolado na Carta Geológica do concelho de Mira, Anexo I- “sítio” 2).

d) Descrição dos vestígios e integração cultural

Trata-se de um seixo muito rolado que parece ser afeiçãoado na parte distal. Sem correr riscos de afirmar ser um machado, optou-se por dizer que se trata apenas de um seixo afeiçãoado, sem garantir a sua possível função. Pré-histórico.

e) Bibliografia

Inédito.

III. Bordadas III- Serra da Corujeira

a) Designação do sítio

Bordadas III – Paleolítico Antigo

b) Localização geográfica

Este sítio localiza-se na serra da Corujeira, freguesia de Ermida, concelho de Mira (*vide* Figura 10).

Coordenadas geográficas (GPS): N 40°23'230''/W 008°44'337'' (*vide* localização nos mapas de SIG dos sítios arqueológicos identificados)

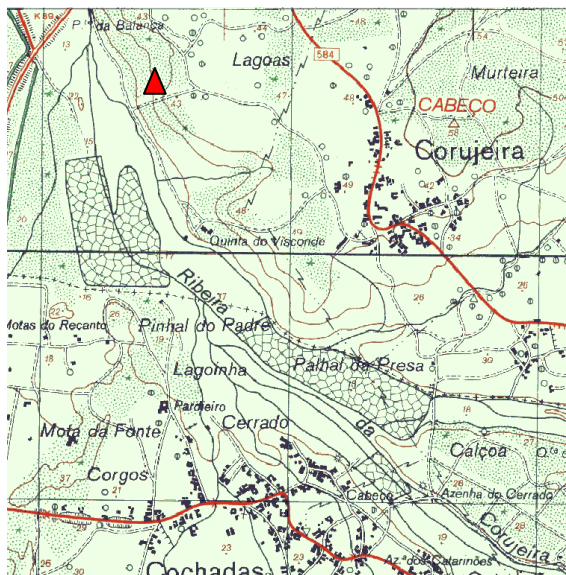


Figura 10: Localização Geográfica de Bordadas III (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Bordadas III encontra-se a sensivelmente a 30 metros do sítio de Bordadas I, para Oeste. Situa-se num cabeço sobranceiro à ribeira da Corujeira, num terreno com eucaliptos plantados recentemente. O solo é composto por areias finas e uma cascalheira de seixo médio e grande, bastante revolvida (*vide* localização do sítio na Carta Geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 3).

d) Descrição dos vestígios e integração cultural

Foram recolhidas quatro peças líticas, três lascas em quartzito e uma esquírola em quartzo. Encontram-se algo roladas (*vide* Anexo II, Foto 1; Anexo III).

O rolamento das peças indica que foram alvo de arrasto ou revolvimento do sítio original. Como a faixa de terreno limpa é relativamente pequena, e os terrenos que lhe sucedem se encontram cobertos de vegetação, não foram observados mais materiais. No entanto achou-se importante referenciar este sítio, até pela posição geográfica e ambiental onde se encontra. As peças não apresentam uma tipologia que as insira numa indústria lítica específica da pré-história. No entanto, as suas

características algo “rudes” podem indicar pertencer ao Paleolítico Antigo, mas com muitas ressalvas.

O constante revolvimento dos terrenos para a plantação de pinheiros e eucaliptos destroem a maioria dos sítios e este, provavelmente será um desses casos. Porém, a deposição constante de areias nestas zonas costeiras poderá ocultar sítios preservados.

e) Bibliografia

Inédito

IV. Bordadas IV- Serra da Corujeira

a) Designação do sítio

Bordadas IV- Indeterminado

b) Localização Geográfica

Localiza-se na serra da Corujeira, freguesia de Ermida, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°23'226"/ W 008°44'211" (vide Figura 11 e localização no mapa de SIG do Anexo I)

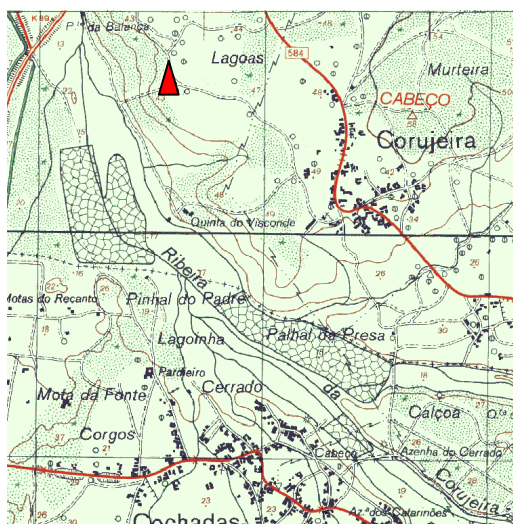


Figura 11: Localização geográfica de Bordadas IV (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Este sítio fica muito próximo de Bordadas III, a aproximadamente 20 metros a Nordeste, num terreno limpo. O seu solo é arenoso, fino, de cor acinzentada. São visíveis alguns seixos de pequena dimensão (*vide* localização do sítio na Carta Geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 4).

d) Descrição dos vestígios e integração cultural

Ao longo deste terreno foram detectadas alguns fragmentos de cerâmica de cor castanho-escura, sem qualquer decoração ou forma e de pequenas dimensões. A sua cronologia é indeterminada. Foram recolhidos apenas dois fragmentos de cerâmica para amostra.

e) Bibliografia

Inédito

V. Cardosas

a) Designação do sítio

Cardosas - Líticos (Paleolítico); fragmento cerâmico (Moderno/Contemporâneo)

b) Localização geográfica

O lugar das Cardosas situa-se na a Oeste do concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas: N 40°25'730''/W 008°42'260'' (*vide* localização no mapa de SIG do Anexo I).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Localiza-se a Sul da Vala Velha, a sensivelmente 6 metros da margem, numa zona relativamente plana, de areias brancas. Geologicamente, é uma zona dunar. Encontra-se algum cascalho, mas com pouca dispersão. Fica relativamente próximo da zona geológica das argilas de Vagos (*vide* localização dos materiais na Carta Geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 5).

d) Espólio e integração cultural

Foi encontrado um núcleo disforme em quartzo e uma lasca em quartzito (*vide* Anexo II, Foto 2) bastante rolados. Como não apresentam uma tipologia específica dir-se-á pertencer, provavelmente ao período cronológico do Paleolítico. Recuperou-se, também um fragmento cerâmico vidrado, informe, de cronologia Contemporânea.

e) Bibliografia

Inédito.

VI. Antiga Igreja do Casal de S. Tomé

a) Designação do sítio

Antiga Igreja de S. Tomé – Séc. XII

b) Localização geográfica

A sua localização é na freguesia de Casal de S. Tomé, próximo das Azenhas do Faim, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°25'067"/W 008°45'100" (*vide* Figura 12 e localização no mapa de SIG, Anexo I).

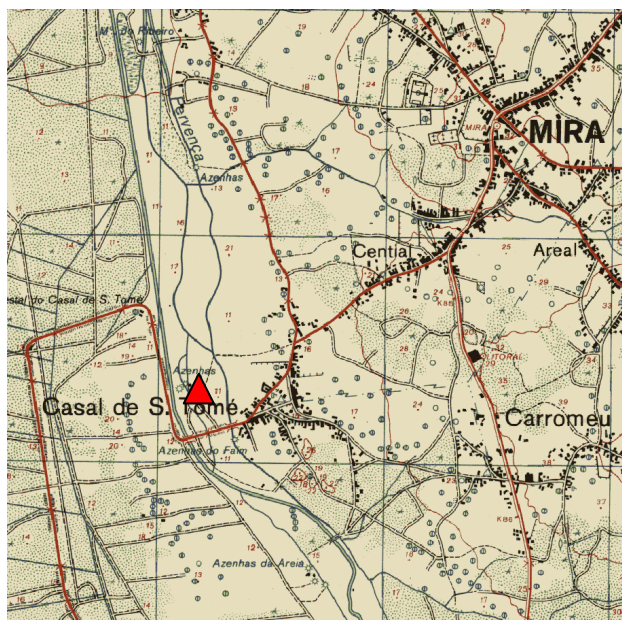


Figura 12: Localização da antiga Igreja de S. Tomé (séc. XII) (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

A sua localização não é completamente correcta, mas as fontes antigas e a perfuração de um poço no terreno parecem indicar com alguma certeza o sítio onde se fundou a primeira Igreja de Mira dedicada a S. Tomé, padroeiro da vila até hoje.

Localiza-se numa zona plana, no meio de duas valas de água: a vala Real e a vala da Fervença. Foi e é uma zona inundável quando o caudal excede os limites. Por informação oral e pelo nível de água que um poço nesse terreno mostra, o nível freático encontra-se a poucos metros de profundidade (*vide* Figura 13).

Geologicamente, localiza-se numa zona de aluviões, como é possível ver na Carta Geológica do concelho de Mira, no Anexo I – sítio 6.



Figura 13: Zona onde se localizam vestígios da antiga Igreja de S. Tomé.

d) Espólio e integração cultural

A localização do sítio foi-nos dada pelo Dr. João Reigota, que se disponibilizou em mostrar-nos a área. Durante as prospekções efectuadas no local, foram apenas detectados alguns fragmentos de telha, provavelmente medieval. A visualização do terreno era muito má devido à vegetação herbácea que a cobria, daí que a possibilidade de encontrar mais materiais era quase nula. O que faz querer que seria ali o sítio é porque quando se abriu ali um poço há mais de dez anos foram retirados do subsolo blocos de pedra calcária, ossos humanos, cerâmicas, etc. Isto foi uma informação oral prestada pelo proprietário a João Reigota. Diz também que sempre que remexe o terreno para a agricultura continuam a aparecer materiais.

A primeira referência à Igreja é de Janeiro de 1132, onde é feita uma doação de Saleima Godinho de metade das suas herdades de Montemor e da Igreja de São Tomé, na vila de Mira, ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Marques, 1993). Até ao Séc. XVII ainda há referência nos documentos da primitiva Igreja de S. Tomé, mas atestando a necessidade de mudança de local desta já que o sítio onde ela se encontra é muito húmido (*Idem*). Foi assim, a pouco e pouco, que a matriz ia sendo preterida em favor

da capela de S. Gabriel, o que não significou o seu imediato e total abandono, pois os livros de vereações do Séc. XVII dizem que as autoridades civis olhavam pelo seu estado de conservação (*Idem*).

A mudança do local da sua igreja era uma necessidade da população. Foi, então, escolhido o local onde se erguia a capela do Santíssimo Sacramento mesmo no centro da vila. As duas igrejas coexistiram temporalmente, mas a mais antiga, com o tempo, foi deixada ao abandono (Marques, 1993).

Essas cheias e a constante sobreposição de areias eólicas que tão bem caracterizam mira foram permitindo a sua destruição e ocultação. Provavelmente, ainda estarão os seus restos arqueológicos soterrados, já que sempre que se mexe o terreno nessa zona, continuam a aparecer vestígios que nos conduzem a essa suposição.

e) Bibliografia

- Marques, M. A. 1993. *As Terras de Mira*. Câmara Municipal de Mira.
- Reigota, J. 2000. *A Gândara Antiga*. Centro de Estudos do Mar Luís de Albuquerque.

VII. Corujeira I – Achado isolado

a) Designação do sítio

Corujeira I - Marco de propriedade: reutilização de parte de um elemento arquitectónico Moderno (arco em pedra calcária).

b) Localização geográfica

Corujeira I, como o nome indica, localiza-se na aldeia da Corujeira, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°22'86"/W 008°43'05" (*vide* Figura 14 e localização no mapa de SIG, Anexo I).

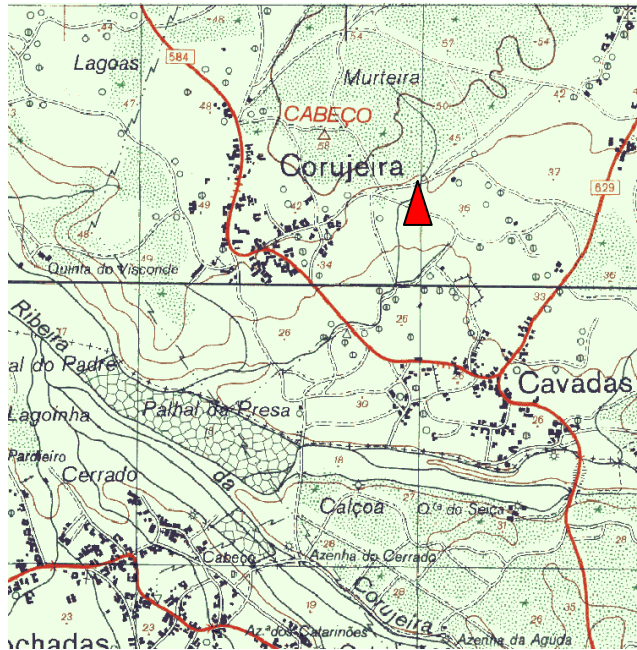


Figura 14: Localização do elemento arquitectónico (Carta Militar 1:25000, fl. 217)

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Situa-se numa vertente virada a Sul, a 500 metros da aldeia da Corujeira, num terreno com eucaliptos jovens. Geologicamente, o lugar da Corujeira situa-se sobre as dunas com orientação NW-SE (dd), cujos solos são constituídos por areias esbranquiçadas, finas e sem seixos (vide localização do achado na carta Geológica do Concelho de Mira, Anexo I – sítio 7).

d) Espólio e integração cultural:

Não foi encontrado qualquer espólio associado. O arco é feito em pedra calcária, arquitectonicamente simples e, possivelmente, de cronologia Moderna (vide Figura 15).



Figura 15: Fragmento de arco reaproveitado como marco de propriedade.

- e) Bibliografia
Inédito.

VIII. Corujeira II – Achado isolado

- a) Designação do sítio

Corujeira I – Lasca em quartzo – achado isolado

- b) Localização geográfica

O achado foi feito próximo da aldeia da Corujeira (sensivelmente a 500 metros a Nordeste), concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°22'96"/ W 008°43'15" (vide Figura 16 e localização no mapa de SIG, Anexo I).

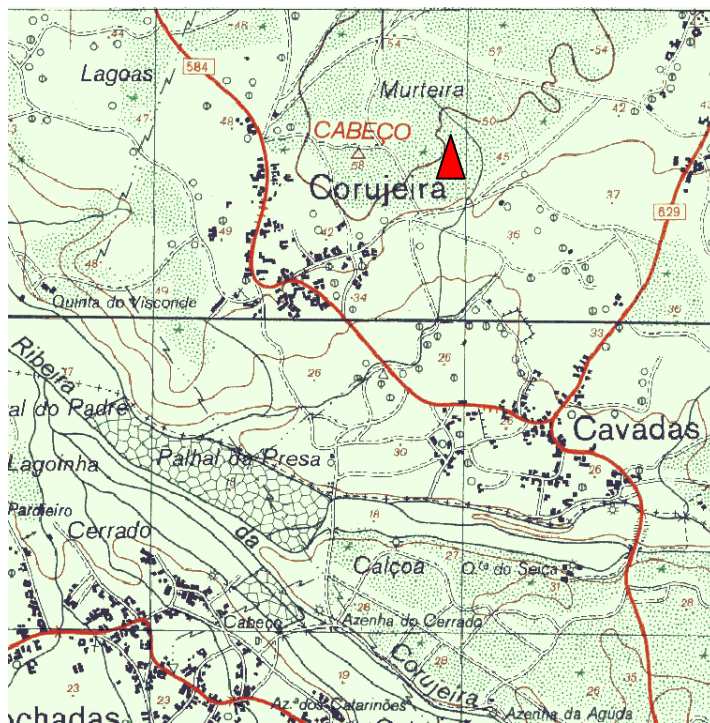


Figura 16: Localização geográfica de Corujeira II (Carta Militar 1:25000, fl. 217).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica:

A lasca foi detectada num terreno plantado recentemente com eucaliptos, numa zona de vertente, paralela a uma estrada (arranjada recentemente) que vai dar à aldeia da Corujeira (vide Figura 17). Em termos geológicos, o lugar da Corujeira situa-se sobre depósitos de praias antigas e de terraços fluviais de 60-70m (Q2_a) (vide localização na Carta Geológica do Concelho de Mira, Anexo I - sítio 8). No terreno onde foi detectada a lasca, os solos são constituídos por areias esbranquiçadas, finas e com alguns seixos dispersos, de pequena dimensão.



Figura 17: Terreno onde foi encontrada a lasca em quartzo.

d) Espólio e integração cultural:

Trata-se de uma lasca em quartzo, de talão unifacetado (*vide* Anexo II, Foto 3).

É difícil dar-lhe uma cronologia sem outro espólio, por isso será acertado dizer que é cronologicamente da Pré-história antiga, sem se definir um período em especial.

IX. Lagoa – Sítio arqueológico

a) Designação do sítio:

Lagoa – Paleolítico Antigo

b) Localização geográfica

O lugar de Lagoa situa-se no concelho de Mira, próximo do centro da vila de Mira. Este lugar está localizado muito perto de uma lagoa que se encontra referenciada já em documentos Medievais, e que ainda hoje permanece.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40° 25' 80"/W 008° 44' 96" (*vide* Figura 18 e localização no mapa de SIG no Anexo I).

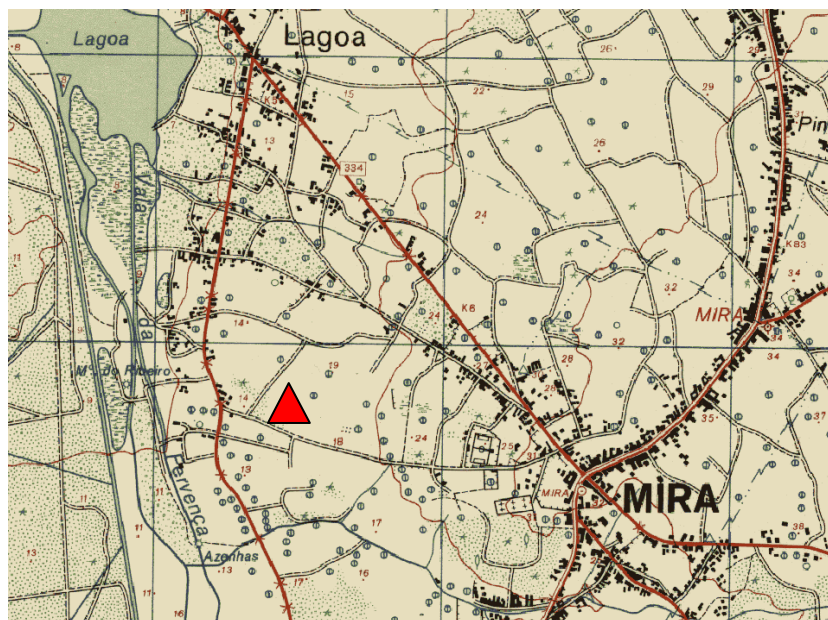


Figura 18: Localização do sítio da Lagoa (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica:

O sítio localiza-se numa zona plana, plantada com eucaliptos jovens, muito próximo do centro da vila de Mira (*vide* Figura 19). Em termos geológicos, a Lagoa encontra-se sobre níveis do Plistocénico, compostos por praias antigas e terraços fluviais (Q3), a um nível de 30-40 m (Barbosa, 1981). Na Carta Geológica do concelho de Mira (Anexo I - sítio 9) o sítio aparece localizado numa zona de areias eólicas (Ae), o que me leva a crer que a mancha de Q3 não foi bem localizada, estendendo-se mais para baixo e apanhando este sítio. Isto porque as características do solo são nitidamente típicas destes terraços fluviais. O solo é arenoso, com uma grande cascalheira de seixos de grande e média dimensão, e que se prolonga até à mancha indicada na carta (*vide* Figuras 20 e 21). Provavelmente a vegetação não permitiu a implantação correcta da mancha.

É um sítio favorável à implantação de comunidades paleolíticas, já que a oferta de matéria-prima é abundante. O sítio encontra-se relativamente próximo de uma lagoa,

referida já em documentos históricos medievais, e que teria tido ligação directa ao mar, como já foi referido anteriormente.



Figura 19: Localização do sítio arqueológico de Lagoa (Mira) (Carta Militar 1:25000, fl. 206).



Figura 20: Sítio da Lagoa.



Figura 21: Vista pormenorizada de parte da cascalheira que cobre o solo.

d) Espólio e integração cultural:

Foram recuperados em prospecção catorze peças líticas, sendo duas pré-formas de biface de grandes dimensões em quartzito, podendo ser de indústria Abbevillense ou Acheulense; um chopping-tool em quartzito; um núcleo com extracções bifaciais, que oferece dúvidas se pode ser considerado uma pré-forma de biface; uma lasca com retoques distais que parece prefigurar um raspador, em quartzito; e nove lascas de características bem definidas, também em quartzito (*vide* Figura 22; Anexo II, Fotos 4, 5 e 6, 7, 8; Anexo III).

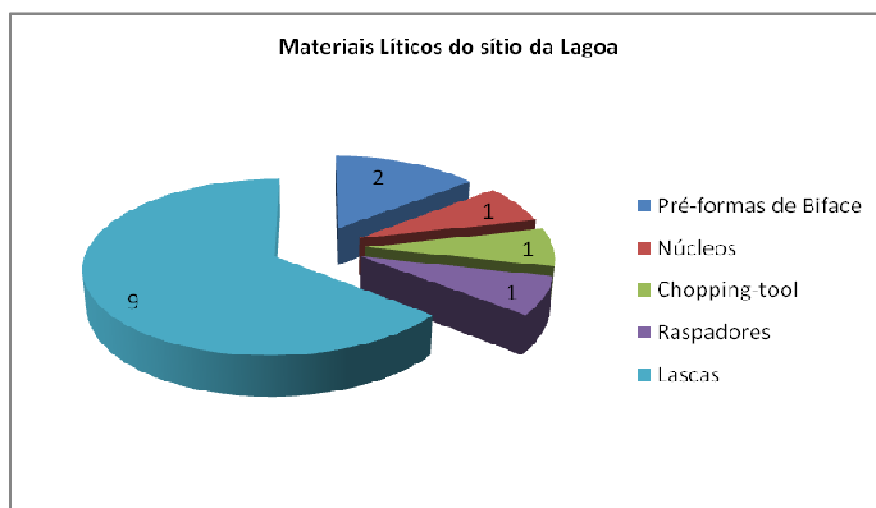


Figura 22: Gráfico que representa o espólio lítico do sítio da Lagoa.

São materiais mais representativos de uma época, do Paleolítico Antigo. Os materiais encontram-se muito rolados, arrastados e remexidos pela agricultura durante anos. É uma zona com um nível freático muito alto, que durante o Inverno se torna bastante alagadiço.

e) Bibliografia

Informação oral de João Reigota.

Inédito.

X. Outeiro da Forca I

a) Designação do Sítio

Outeiro da Forca I – Paleolítico Antigo

b) Localização Geográfica

O sítio do Outeiro da Forca I localiza-se no lugar do Outeiro da Forca, conhecido assim entre a população, na aldeia do Cential, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): 40°25'155"/008°44'409" (vide Figura 23 e localização no mapa de SIG no Anexo I).

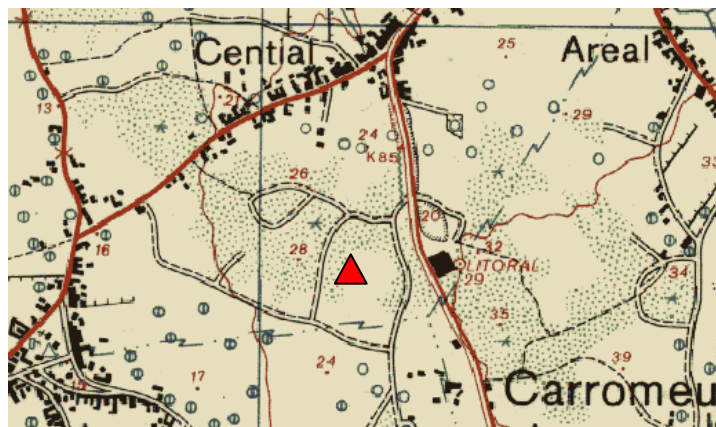


Figura 23: Localização geográfica do Outeiro da Forca I (Carta Militar 1:25000; fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

O sítio do Outeiro da Forca I localiza-se numa zona elevada de eucaliptais e pinhais, entre as aldeias do Cential e Carromeu. Em termos geológicos esta zona pertence ao que foi designado na carta geológica de argilas de Vagos. No entanto o solo é arenoso, com cascalho médio e pequeno à mistura. Como esta se situa no limite de transição para a mancha geológica de Q3, composta por depósitos de praias antigas e de terraços fluviais, com presença de seixos e cascalheiras roladas, é muito provável que esta mancha também se tenha depositado sobre as argilas. Ou então há um erro de alguns metros na localização da mancha Q3 (*vide* localização do sítio na carta geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 10). O corte e a plantação de novos eucaliptos permitiram a detecção do sítio.

d) Espólio e integração cultural

Foram encontrados em prospecção três peças líticas em quartzito: dois núcleos e uma lasca (*vide* Anexo II, Fotos 9 e 10; Anexo III). Sem características tipológicas concretas, poderemos integrá-los de uma forma muito genérica no Paleolítico Antigo.

e) Bibliografia

Informação oral de João Reigota acerca da cascalheira.

Inédito.

XI. Outeiro da Forca II

a) Designação do Sítio

Outeiro da Forca II – Paleolítico Antigo

b) Localização Geográfica

O Outeiro da Forca II localiza-se no lugar do Outeiro da Forca (como é conhecido oralmente), na aldeia do Cential, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): 40°25'126/008°44'458'' (vide Figura 24 e localização no mapa de SIG no Anexo I)

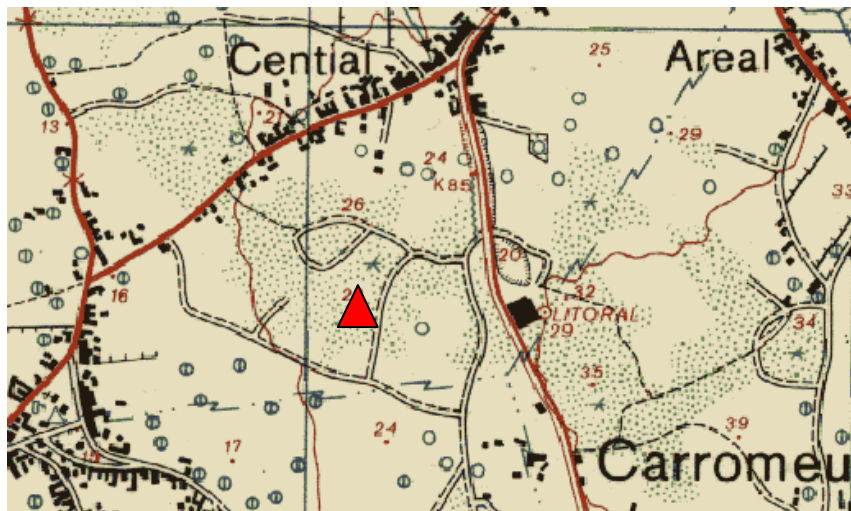


Figura 24: Localização geográfica do sítio do Outeiro da Forca II (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Este sítio situa-se muito próximo do Outeiro da Forca I, sensivelmente 30 metros. Insere-se nos terrenos representados por um nível de depósitos de praias antigas e de terraços fluviais (Q3). Atingem cotas situadas entre os 30 e 40 m (vide localização do sítio na carta geológica de Mira, Anexo I – sítio 11). São constituídos fundamentalmente por cascalheiras bem roladas que, nos afloramentos de Seixo e Mira, tem espessuras situadas entre os 2 e 3 metros (Barbosa, 1981: 44). Tal como o sítio do Outeiro da Forca I foi também o corte e a plantação de novos eucaliptos que permitiram a detecção do sítio. A área prospectada é relativamente grande, mas a maior concentração verificou-se na zona Este do terreno.

d) Espólio e integração cultural

Durante as prospekções efectuadas na área, onde a vegetação o permitia, foram recolhidas dez peças líticas em quartzo e quartzito, sendo três lascas em quartzo, seis lascas em quartzito e um núcleo sobre lasca em quartzo (*vide* Anexo II, Foto 11; Anexo III). Não são peças muito características, mas associadas a um biface micoquense encontrado no mesmo sítio, recuperado por João Reigota, podemos atribuir uma cronologia mais precisa inserida no Paleolítico Inferior/Médio. Estes bifaces são considerados por Merino (1980) como “a perfeição dos bifaces”. Segundo a classificação de Bordes (1960 *in* Merino, 1980), os bifaces micoquenses são lanceolados, mas de bordos ligeiramente côncavos, a sua base é algo globulosa, mas também por vezes plana. Apresenta a sua aresta lateral muito rectilínea na zona da ponta e torna-se mais sinuosa ao chegar a base.

e) Bibliografia

Informação oral de João Reigota.

Inédito.

XII. Outeiro da Forca III

a) Designação do sítio

Outeiro da Forca III – Paleolítico; Moderno;

b) Localização Geográfica

O sítio do Outeiro da Forca I situa-se no lugar do Outeiro da Forca, aldeia de Cential, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°25'246"/W 008°44'654" (*vide* Figura 25 e localização no mapa de SIG, Anexo I).

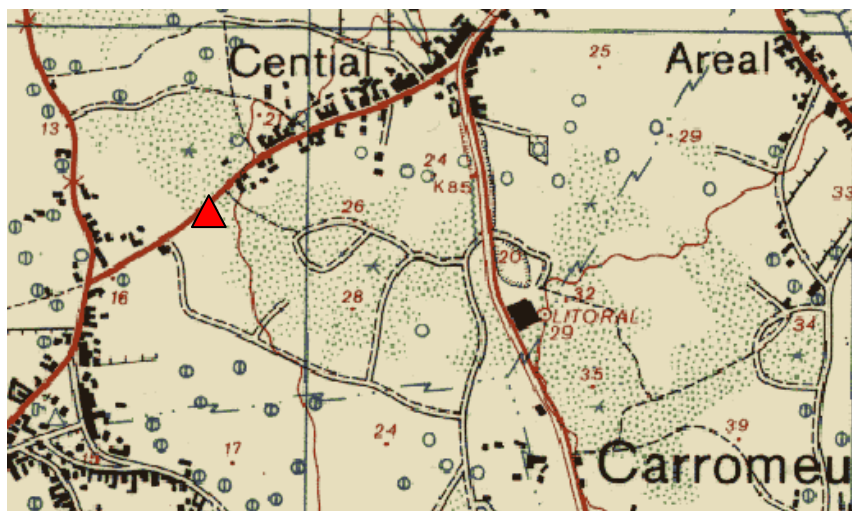


Figura 25: Localização geográfica do Outeiro da Forca III (Carta Militar 1:25000; fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Os materiais foram detectados num dos cortes provocados pela abertura dos alicerces de uma casa. Encontra-se no sopé de uma ligeira encosta plantada de pinheiros e eucaliptos, mesmo na beira da estrada secundária Mira-Cental, a sensivelmente 100/200 metros do cruzamento com a EN 109.

Mais uma vez, dada a proximidade do Outeiro da Forca I e II, mas numa cota relativamente mais baixa, esta zona geologicamente está entre duas manchas geológicas diferentes: Argilas de Vagos e depósitos de praias antigas e de terraços fluviais de 30 – 40 m, com seixos e cascalheiras roladas (Q3) (*vide* localização na carta geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 12). O solo apresenta-se no corte bastante arenoso, mas de grão grosseiro, com algum cascalho pequeno e médio misturado.

d) Espólio e integração cultural

Foram recuperados em prospecção apenas dois objectos líticos (um pequeno núcleo informe em sílex e uma lasca em quartzito) e um fragmento de fundo de um prato de cronologia moderna/contemporânea (*vide* Anexo II, Foto 12). Dar uma cronologia a estas duas peças é difícil, já que não possuem características de talhe específicas de

um determinado período. Poder-se-á dizer, dado a proximidade com o Outeiro da Forca I e II, que se tratará do Paleolítico Inferior/Médio.

Dado ao rolamento das peças líticas, e pelo facto de se terem encontrado no sopé de uma encosta, os materiais parecem ter sido arrastados do cimo da encosta. A vegetação intensa impediu a visualização do terreno circundante. Há que assinalar que os sítios designados de Outeiro I e II se situam no cume da encosta, afastados por sensivelmente 500 metros (*vide* Figura 26).

A ocupação poderá ter sido feita no cume, e provavelmente tratar-se-á de um único sítio, e que agora, devido à plantação de eucaliptos e pinheiros nos terrenos dos diversos proprietários, pareçam sítios diferentes. A desmatagem nestes três sítios facilitou a visualização do terreno, daí que esta probabilidade faça ainda mais sentido.

Há também que referir que Reigota (2000) detectou ao cimo da encosta deste sítio (50 metros) «*inúmeros fragmentos cerâmicos e telhas grosseiras*» de cronologia Medieval. Foi feita prospecção neste sítio, mas a vegetação impede a visualização do terreno, não tendo sido detectados vestígios.



Figura 26: Visualização geral dos três sítios identificados do Outeiro da Forca.

e) Bibliografia

Informação oral de João Reigota.

Inédito.

XIII. Ponte da Balança

a) Designação do Sítio

Ponte da Balança – Época Moderna/Contemporânea

b) Localização Geográfica

A ponte da Balança situa-se em no sopé da serra da Corujeira, próximo do lugar de Lagoas, concelho de Mira. Está assinalada na CMP 1:25000 do concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): N 40°23'061"/W 008°44'275" (vide Figura 27 e localização no mapa de SIG, Anexo I).

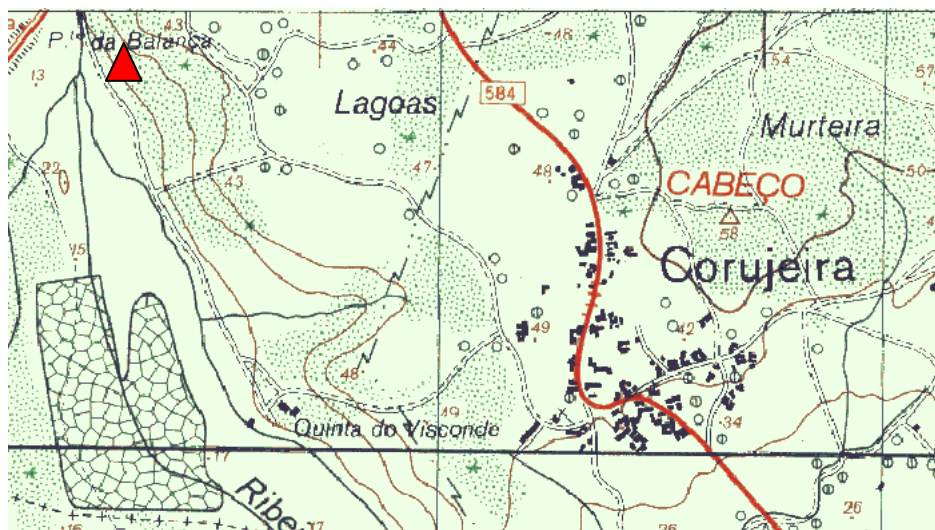


Figura 27: Localização geográfica da Ponte da Balança (Carta Militar 1:25000, fl. 217).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

Nesta ponte passava um antigo caminho que se dirigia para a Quinta do Visconde, agora quase oculto pela vegetação. Situa-se no sopé da serra da Corujeira, a sensivelmente 200m da ribeira da Corujeira. À sua volta estão plantados eucaliptos e pinheiros. Geologicamente situa-se numa zona de argilas de Vagos (*vide* localização na carta geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 13).

d) Espólio e integração cultural

Não foi encontrado qualquer espólio associado à ponte.

Pela sua configuração arquitectónica parece ser de cronologia Moderna, ou de inícios da época Contemporânea (*vide* Figura 28).



Figura 28: Imagem de um dos encontros da ponte encontrada na serra da Corujeira, a caminho da Quinta do Visconde (Carta Militar 1:25000, fl. 217).

e) Bibliografia

Inédita.

XIV. Sítio de Quartas

a) Designação do sítio

Sítio das Quartas – Paleolítico; Romano (?)

b) Localização Geográfica

O sítio das Quartas localiza-se no lugar das Quartas (como é conhecido oralmente), entre os lugares do Areal e de Carromeu, concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): 40°25'163/008°43'984'' (vide Figura 29 e localização no mapa de SIG, Anexo I).

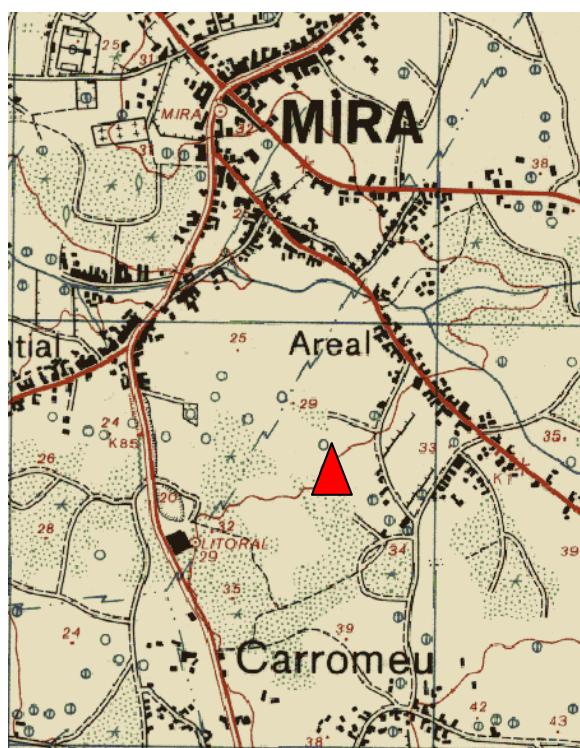


Figura 29: Localização geográfica do sítio arqueológico das Quartas (Carta Militar 1:25000, fl. 206).

c) Localização topográfica, ambiental e geológica

O sítio encontra-se num terreno limpo, no meio de um eucalipal plantado recentemente, junto a um caminho agrícola. O solo é composto por areias e alguns seixos de pequena e média dimensão. Geologicamente, está situado numa zona de Argilas de Vagos (150 +/- 50m – C5) (*vide* Figura 30 e localização através do SIG na carta geológica do concelho de Mira).



Figura 30: Sítio das Quartas.

d) Espólio e integração cultural

Em prospeção foram identificados pontualmente em toda a área limpa de vegetação vários fragmentos cerâmicos de fabrico antigo. Alguns, como os vidrados, datarão da Época Moderna. Outros serão mais antigos, datando da Época Medieval ou mesmo da Época Romana, face às suas características tecnológicas de fabrico. Contudo, perante a ausência de outras particulares características formais, não é possível por agora ser mais rigoroso nas classificações cronológicas (*vide* Anexo II, Fotos 13, 14, 15 e 16; Anexo III). Resta saber a que tipo(s) de sítio(s) se encontrariam associadas estas cerâmicas. Eventualmente, pelo menos aquelas que

aparentam uma cronologia mais antiga, poderão encontrar-se algo afastadas do sítio original de depósito, face à acção muito forte desencadeada pelos processos pós-deposicionais nesta região.

Juntamente com estes fragmentos cerâmicos, e também dispersos por toda a área, foram recolhidos materiais líticos executados em duas matérias-primas: quartzito e sílex. Totalizaram-se catorze peças, entre as quais dez de quartzito e quatro de sílex (*vide* Figura 31). As peças estão relativamente roladas devido ao revolvimento durante a plantação de eucaliptos e pinheiros ao longo dos anos.

Em relação aos outros sítios, aqui já se nota um tipo de tipologia diferente, com uma indústria mais desenvolvida. Aparecem as lâminas em sílex com retoques marginais, mas continuam a aparecer as lascas em quartzito grosseiras. Continua a predominar o quartzito como matéria-prima principal (*vide* Figura 32). Sem mais espólio, poderemos apontar para um sítio do Paleolítico Médio/Superior.

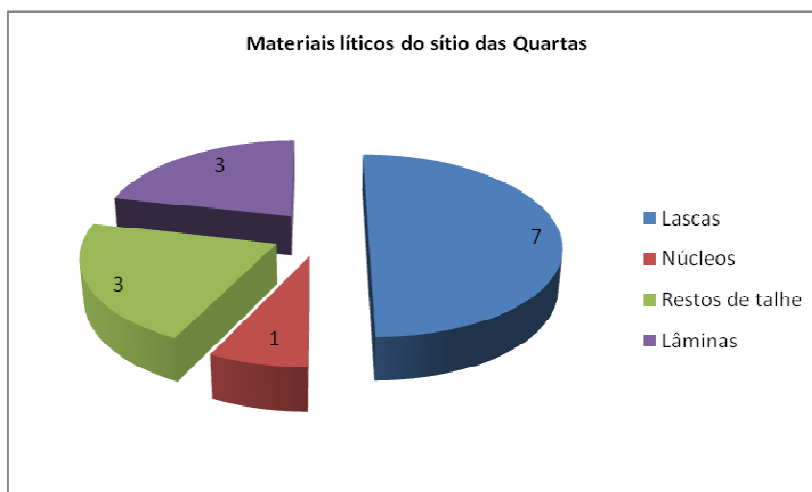


Figura 31: Gráfico de representação do espólio lítico do sítio das Quartas.

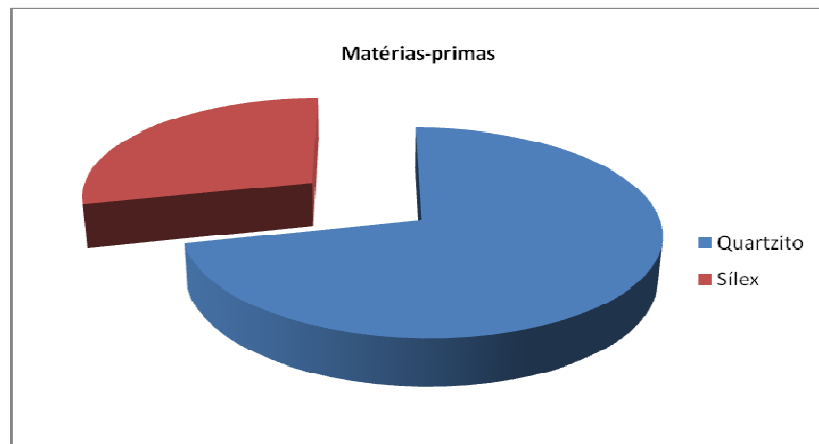


Figura 32: Gráfico de matérias-primas mais utilizadas no sítio das quartas.

e) Bibliografia

Informação oral de João Reigota.

XV. Ramalheiro (Carriça) – Achado isolado

a) Designação do sítio

Ramalheiro – achado isolado – Paleolítico Antigo (?)

b) Localização Geográfica

O achado isolado foi encontrado próximo da aldeia da Carriça, do lado esquerdo da estrada secundária que liga a freguesia de Ermida ao Ramalheiro, no concelho de Mira.

Coordenadas Geográficas (GPS): 40°24'118"/ 008°43'497" (*vide* localização no mapa de SIG no Anexo I).

c) Localização Topográfica, ambiental e geológica

O achado isolado foi encontrado em prospecção num campo semeado de erva rasteira para o gado. O sítio é plano, mas encontra-se numa área sobranceira a

uma pequena linha de água a SE e próxima à Ribeira da Corujeira, que se encontra a sensivelmente 1 km. É uma zona muito argilosa, com algum seixo de pequena e média dimensão, muito dispersos, geologicamente situado em Argilas de Vagos (150 +/- 50m- C5) (vide localização na carta geológica do concelho de Mira, Anexo I – sítio 15).

d) Espólio e integração cultural

Foi recolhido em prospecção uma peça lítica em sílex, muito rolada. Prece ser um raspador, pois apresenta retoque continuo na margem direita e em parte da margem esquerda, mas com reservas (*vide* Anexo II, Foto 17). Pertencerá ao Paleolítico Antigo.

e) Bibliografia

Informação oral de João Reigota.

Inédito.

XVI. Ânfora – marítimo

Foi oferecida ao Museu Etnográfico da Praia de Mira uma ânfora romana. Foi o Sr. Mário Reigota, pescador que a encontrou numa das suas pescarias em alto-mar. Falou-se com ele para nos dar a coordenada do achado (20 milhas a NW do Cabo Mondego, 17 milhas da Tocha e 18 milhas da costa).

Além destas indicações preciosas, referiu que também vinham nas redes “uma espécie de tijolos”, louças com caracteres chineses, chávenas, etc. Essa zona fica muito próxima de um molho de rochas visíveis nos radares de barcos recentes, o que nos faz pensar que seria uma zona perigosa e susceptível de provocar naufrágios de barcos desconhecedores das características do local e desprovidos de apetrechos electrónicos. Provavelmente, na antiguidade e ao longo dos tempos essa zona faria parte de um corredor náutico. O achado de uma ânfora intacta recolhida em alto mar não pode deixar de indiciar a presença segura de um barco romano naufragado. A

ânfora em causa, pela forma e pasta, parece corresponder a uma Dr. 14 (ou em alternativa a uma Haltern 70) (*vide* Figura 33). Se assim for, poderemos afirmar que este provável barco transportaria uma carga de *garum*, uma vez que as ânforas Dressel 14 são os contentores por excelência de um preparado ou molho de peixe produzido em larga escala no litoral da Lusitânia durante todo o séc. I e II d.C. (se for integrável no tipo Haltern 70, então corresponderá antes a uma ânfora uma pouco mais antiga e associada ao transporte de vinho). Seja como for, a presença no local de grandes quantidades de “tijolos”, também referenciados pelos actuais pescadores, parece denunciar ainda a presença de outros tipos de cargas, resultantes de outros naufrágios igualmente romanos, mas desta feita carregados, talvez, de *lateres* e *tegulae*.

Esse sítio poderá ser de extrema importância para a arqueologia subaquática, e por isso, com as coordenadas náuticas cedidas pelo pescador, decidimos localizar através do SIG o ponto exacto do sítio dos possíveis naufrágios (*vide* Anexo I, ponto 16). O ponto do achado e cartografado situar-se-á a cerca de 36 km da actual costa.



Figura 33: Ânfora (Imagem retirada de Reigota, 2000).

VII. Síntese final

Terminado este trabalho de prospecção podemos retirar dele algumas conclusões importantes. A primeira de todas é que Mira, apesar das condicionantes que dificultam a localização de sítios à superfície, é um concelho com potencial arqueológico, sobretudo com bastante potencial arqueológico, aparentemente, para o paleolítico. Como referimos, apesar dos entraves e enormes dificuldades que a abundante vegetação colocou às nossas prospecções, foram-se encontrando sítios ou alguns achados isolados que permitiram recuar significativamente na história a ocupação de Mira. Os fortes processos pós-deposicionais a que esta região se encontra sujeita, designadamente aqueles que se relacionam com a movimentação paulatina mas acentuada de areias, não impediu mesmo assim que se identificassem claramente alguns locais, especialmente aqueles que datam de uma época bem recuada e que no limite poderão datar do Paleolítico Inferior, que durou centenas de milénios até cerca de 100.000 anos antes da nossa era, e Paleolítico Médio (100.000 – 40.000).

Hoje poderemos afirmar, em função dos sítios arqueológicos detectados e das suas características, que durante a Pré-história Antiga existiu uma ocupação intensa desta região. Podemos mesmo dizer que quase todas as áreas que encontrámos desmatadas ou plantadas recentemente acabavam por revelar vestígios de pedra talhada. Sobretudo as áreas onde se acumulavam as cascalheiras, fontes de matéria-prima, ou zonas próximas de linhas de água antigas, mostravam-se sítios com antiga ocupação.

Uma primeira etapa do trabalho arqueológico no concelho de Mira foi efectuada. Na sequência das pesquisas antes efectuadas por João Reigota, procedemos agora à localização exacta (recorrendo a um GPS) de um conjunto importante de sítios arqueológicos no concelho, procurando caracterizá-los sob o ponto de vista cronológico e tipológico com base nos vestígios de superfície. Entre estes, poderemos destacar, pela relevância científica que parecem encerrar, os sítios da Lagoa, Quartas, Outeiro da Forca I e II, Bordadas I e antiga Igreja de S. Tomé. Há que realçar toda a serra da Corujeira (Ermida), não só por ser um dos lugares com cotas mais altas em Mira, mas também pela sua excelente localização ambiental e geológica. Ao longo das ribeiras da Corujeira e da Fervença observam-se os terraços fluviais com cascalheira,

tendo sido encontrados aí alguns artefactos líticos. A intensa vegetação não permitiu uma melhor visualização do terreno, mas esses terraços parecem ter bastante potencial e o seu continuado acompanhamento não deve ser no futuro descurado.

Ao mesmo tempo, procedemos a um inventário e classificação dos principais materiais arqueológicos recolhidos em prospecção. Alguns deles, sublinhe-se, apresentam características que aconselham a sua selecção tendo em vista a sua exposição futura no projectado Museu municipal.

Mas a este nível, todavia, a informação a disponibilizar sobre as épocas mais recuadas de ocupação humana no concelho de Mira, precisa de ser pensada de forma mais demorada, desde logo por um arqueólogo, como forma desta ser facilmente compreendida por diferentes tipos de público. Sugerimos, portanto, que o programa e o espaço museológico da sala de exposição arqueológica do futuro Museu seja concebido por profissionais especialmente contratados para o efeito, capazes de optar por um discurso expositivo que, baseado em informação arqueológica simples mas fundamentada e fazendo uso das novas tecnologias, consiga facilmente chegar tanto ao público escolar, como à população do concelho de Mira em geral ou ao turista que regularmente acede a estas paragens. Se assim for, este Museu em projecto, no que concerne à arqueologia, será entendido como um espaço vivo e interactivo, onde se possa por vezes levar a cabo, inclusivamente, recriações históricas (por ex., uma “oficina paleolítica de talhe de pedra”, desde logo, para sensibilizar as crianças do concelho para o valor da história e do património da sua terra).

Um lugar com potencial interesse científico e patrimonial no concelho merece aqui particular referência: a antiga igreja de S. Tomé. A este propósito, e face à relevância histórica que este ancestral espaço de culto representa para Mira, propomos que se pondere levar a cabo no local um programa de prospecções geofísicas (geo-radar), como forma de verificar se ainda existem soterradas estruturas significativas da igreja, susceptíveis de serem objecto de escavação e de valorização patrimonial numa fase seguinte (se assim for aconselhado pelos resultados da geofísica).

Um outro lugar também poderá ser aqui destacado. O sítio romano Bordadas I, cujos abundantes vestígios de superfície aconselham a realização de uma sondagem de diagnóstico, como forma de avaliar se ainda subsistem estruturas arqueológicas

soterradas desta provável quinta ou casal romano. Se assim fosse, através da escavação em área deste sítio poderíamos documentar a forma como há cerca de 2.000 anos viveria uma família nesta região do litoral atlântico lusitano. Aliás, a escavação deste ou de outros sítios poderia desde logo permitir recolher um conjunto de materiais que iria valorizar o acervo expositivo da secção de arqueologia de um futuro Museu.

Julgamos também pertinente que se pondere incluir no Plano Director Municipal uma lista dos monumentos e sítios históricos e arqueológicos mais relevantes no concelho, com o objectivo de garantir para o futuro uma protecção mais efectiva desse património municipal. Sugerimos mesmo, face à relevância de alguns dos sítios arqueológicos bastante antigos conhecidos no concelho, que se produza no âmbito do PDM uma “carta do património” ou uma “carta de sensibilidade ou risco arqueológico”, procedendo-se assim a um mapeamento de todas os sítios e áreas que mereciam ser acompanhadas por um arqueólogo sempre que se encontrassem previstas para o local certas construções ou significativas movimentações de terras.

Paralelamente, o cruzamento de algumas informações recolhidas, permitem-nos também excluir à partida destas “cartas” algumas zonas que, por serem alagadiças e inundáveis no passado, não apresentarão vestígios de certas épocas, ao mesmo tempo que outras, por serem áreas próximas do “litoral antigo” apresentam maiores probabilidades de conterem povoamento antigo, devendo ser objecto de monitorização arqueológica no futuro.

Para finalizar, poderemos ainda referir que os sítios arqueológicos aqui identificados e cartografados não corresponderão seguramente à totalidade dos sítios existentes. No fundo, acabam por ser aqueles que (sobretudo) a ausência de vegetação permitiu a sua descoberta aquando da prospecção. Muitos mais haverá, e até porventura muito importantes sob o ponto de vista científico (e até patrimonial), mas a sua descoberta só será possível com um trabalho continuado e persistente no terreno. E se estes não vierem a ser descobertos, correr-se-á o risco de serem irremediavelmente destruídos por obras várias, uma vez que só se estuda e protege o que se conhece. Neste quadro o trabalho do arqueólogo assumirá um carácter preventivo. E aqui, para concluir, convirá sublinhar que se pode muito bem conciliar a execução de obras várias e actuais

com a protecção do património arqueológico, uma vez que na maior parte dos casos a conservação efectiva é feita apenas pelo registo. Isto é, as obras essenciais a um concelho podem muito bem ser feitas ao mesmo tempo que se registam e respeitam os bens e os valores, por vezes revelados por traços muito ténues, das nossas memórias mais recuadas – traços de memórias sobreviventes que nos foram legadas através dos tempos e que devemos saber preservar e transmitir às futuras gerações do concelho de Mira.

Sofia Gabriel Tereso

Mira, Outubro de 2008

VIII. Bibliografia

- Barbosa, B. P. 1981. *Carta geológica de Portugal - Notícia explicativa da folha 16-C Vagos*. Direcção-Geral de Geologia e Minas. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- Barbosa, B.P.; Soares, A. F.; Rocha R. B.; Manuppella, G.; Henriques, M. H. 1988. *Notícia Explicativa da Folha 19-A – Cantanhede*. Direcção-Geral de Geologia e Minas. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- Bicho, N. F. 2006. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa. Edições 70.
- Brito, R. S. 1960. *Palheiros de Mira. Formação e declínio de um aglomerado de pescadores*. Lisboa.
- Dias, J. M. A.; Boski T.; Rodrigues A.; Magalhães F. 2000. Coast line evolution in Portugal since the Last Glacial Maximum until present – a synthesis. *Marine Geology – International Journal of marine geology, geochemistry and geophysics*, 170: 177-186.
- Lopes, B.; Nunes, M.; Travassos, S. 2007. *Tesouros Geológicos de Mira*. Centro de Estudos do Mar – Mira.
- Marques, M. A. 1993. *As Terras de Mira*. Câmara Municipal de Mira.
- Merino, J. M. 1980. Tipología Litica. *Munibe*. San Sebastian, suplemento nº 4.
- Reigota, J. 2000. *A Gândara Antiga*. Centro de Estudos do Mar Luís de Albuquerque.
- www.bn.pt (cartografia digital da Biblioteca Nacional)
- www.cm-mira.pt